

## LA COUSINE BETTE E A SUPERAÇÃO DO FOLHETIM

*L*a *Cousine Bette* foi publicado com grande sucesso pelo jornal *Le Constitutionnel* de outubro a dezembro de 1846. No grande projeto de *La Comédie Humaine*, o romance insere-se na rubrica “Scènes de la vie parisienne”, e foi escrito paralelamente a *Le Cousin Pons*, com o qual forma o díptico “Les parents pauvres”. Para certos estudiosos, *La Cousine Bette* é o último grande romance de Balzac. No momento de sua publicação, o romancista enfrenta uma fase difícil na qual seu prestígio junto ao público e aos editores encontra-se ameaçado e sua capacidade criativa começa a dar sinais de exaustão. No entanto, a publicação de *La Cousine Bette* granjeia novamente ao seu autor a admiração do público e dos diretores de jornal. Entusiasmado, Balzac escreve a Mme Hanska: “*Il y a une immense réaction en ma faveur. J’ai vaincu*” (Balzac, 1977, p. 5). *La Cousine Bette* representa a vitória de Balzac sobre Eugène Sue e uma revitalização do gênero folhetinesco, pois aquele abandona o folhetim histórico e serve-se dos recursos do gênero como instrumentos de expressão dos conflitos e tensões da sociedade de seu tempo. Embora muitas vezes a crítica considere que certos elementos constitutivos do folhetim são simplificações da forma romanesca que constituem uma concessão a um público ávido

de uma literatura ágil e fácil, Balzac serve-se deles para criar uma obra que os integra e supera, demonstrando que o artista criador é capaz de utilizar os diversos meios expressivos que tem à disposição de modo a integrá-los e fazê-los servir aos seus propósitos estéticos. Assim, *La Cousine Bette* abre a possibilidade do gênero folhetinesco superar o historicismo “à la Eugène Sue” e integrar a sociedade burguesa do século XIX, com suas tensões e dissonâncias, cuja representação literária constitui o “realismo romântico” de Balzac.

Em *La Cousine Bette*, encontramos diversos recursos do folhetim: peripécia, reviravoltas, captação do interesse do público graças ao suspense e às predições, perseguição dos justos, complô dos traidores, esquematização da psicologia das personagens que opõe os bons aos maus. Entretanto há uma diferença fundamental entre o romance de Balzac e a literatura popular. Esta deve conduzir ao restabelecimento de uma ordem, de um sistema de valores. No desfecho de *La Cousine Bette*, morrem ou saem de cena bons e maus, todos agentes e vítimas do sistema social. O intento de Balzac parece ser desvendar as tensões que movimentam os indivíduos na sociedade, o que não significa que não exista um sistema ideal de valores ao qual o artista, segundo Balzac, deve aspirar. O pequeno texto publicitário publicado em *Le Constitutionnel* anunciando o lançamento próximo de *La Cousine Bette* continha estas palavras:

*LA COUSINE BETTE*

*combat en dix reprises*

*entre le Vice et la Vertu*

*Juge-arbitre unique: la Société*

(apud Nimier, Balzac, 1963, p. 7)

A tensão condutora, que determina o agenciamento da intriga, é a tensão entre o Vício e a Virtude, pois, como o lembra Roger Nimier, a sociedade burguesa descrita em *La Cousine Bette* alimenta-se e tem necessidade de ambos:

*Le Vice se présente sous le double visage de l'envie et de la débauche. La Vertu est dans son poids de forme, la Famille.*

*La Société apprécie l'Envie qui bouche les fissures et cimente les vies. La Débauche aussi, qui peuple la terre de songes. Mais pour durer, il faut des enfants, donc la Famille.* (Balzac, 1963, p. 7)

Assim, vício e virtude articulam-se numa relação de necessidade e complementariedade dentro do sistema social. É a partir dessa tensão que Balzac dará vida às personagens do romance. Encarnando o vício, temos Bette, a prima rejeitada e invejosa, que conspira para destruir a família do barão Hulot. Este dissipa os bens familiares em casos extramatrimoniais, dos quais destaca-se o romance com Mme Valérie Marneffe, modelo da cortesã burguesa e da “*débauche*” feminina, personagem que levará o barão à ruína financeira e moral. M. Crevel, comerciante tolo e rival do barão Hulot, encarna o homem cujos valores estão submetidos ao dinheiro e à posição social. No fronte

da virtude, encontram-se Adeline, esposa do barão Hulot, sempre disposta a sacrificar-se pela família e o irmão do barão, e o marechal Hulot de Forzheim, homem de princípios éticos inabaláveis, cioso de sua glória militar e de sua honra familiar. Tais oposições não são, no entanto, de natureza simples, pois Balzac sabe agenciá-las de modo a criar simetrias e desdobramentos que dão dramaticidade ao romance por meio de uma economia de meios. Assim comenta essa característica do romance Anne-Marie Meininger:

*[...] dans La Cousine Bette [...] chaque personnage, chaque scène engendre un double contrastant: l' 'ennemie' se dédouble en Bette et Valérie, une vierge et son contraire, une vieille brune laide et son contraire. Un vieil amant, Hulot, se dédouble en Crevel son négatif; puis leurs contraires, jeunes et également étrangers: le Polonais Steinbock et le Brésilien Montès, qui réalisent entre eux une sorte de contraste ethnique. À Steinbock s'opposera Stidmann, qui crée et qui respecte Hortense. On pourrait multiplier les exemples, aussi bien pour les scènes. Ainsi, à la scène initiale entre Adeline Hulot e Crevel répondra une deuxième scène avec une situation rigoureusement inversée. À la première réunion de famille autour de Hulot, père respecté, répondra la dernière où il est chassé. De même, pour ses deux entrevues avec le ministre. À la*

*visite initiale de Hulot chez Josépha, répondra la visite finale de Adeline. Après Hulot surpris avec Valérie, il y aura Steinbock. Chaque double est un rebondissement et, peut-être l'effet de l'extension prise par le roman, notamment par ce moyen. Mais si un tel mécanisme apparaît comme essentiel en tous temps dans la création balzacienne, son exagération dans La Cousine Bette et le fait que chaque écho dramatise, empire, assombrit, semblent des signes révélateurs.*  
(Balzac, 1977, p. 12-3, *Introduction*)

Tais mecanismos, fundamentados na simetria ou na oposição, estão presentes em toda obra de Balzac, porém sua intensificação em *La Cousine Bette* são, para a autora, signos reveladores de uma inspiração que começa a perder fôlego. Podemos, no entanto, levantar a hipótese de que tais mecanismos intensificam-se porque trata-se de um romance cuja dramaticidade - outra de suas características folhetinescas - nasce de tensões e oposições que provêm do olhar do romancista sobre a sociedade, são frutos da necessidade que tem o “historiador de costumes” de “chegar à síntese pela análise”.

Como exemplo desse pensamento dualista de Balzac, tomemos as discussões sobre a criação artística ensejadas pelo fracasso artístico de Wenceslas Steinbock. O belo imigrante polonês, salvo por Bette do suicídio, “nasceu poeta e sonhador” e traz consigo o sinal da genialidade. O Gênio é para Balzac

uma espécie de deformidade, que assim como a imbecilidade, é gerada por uma força natural:

*Également distribuée, la force humaine produit les sots ou la médiocrité partout; inégale, elle engendre des disparates auxquels on donne le nom de génie, et qui, si elles étaient visibles, paraîtraient des difformités. (apud Laubriet, 1961, p.146-7)*

Dom ou maldição de natureza quase fisiológica, a genialidade depara-se, quando deve manifestar-se, com os dois “hemisférios da Arte”: a Concepção e a Execução. O erro de Steinbock foi o de franquear “*sans les mesurer les abîmes qui separent ces deux hémisphères de l’Art*” (Balzac, 1999, p.258). O gênio, visitando “as altas regiões da inteligência” experimenta um prazer intenso no ato da concepção artística:

*Penser, rêver, concevoir de belles œuvres est une occupation délicieuse. C’est fumer des cigares enchantés, c’est mener la vie de la courtisane occupée à sa fantaisie. L’œuvre apparaît alors dans la grâce de l’enfance, dans la joie folle de la génération, avec les sucs sapides du fruit dégusté par avance (Balzac, 1999, p. 259).*

Passar da Concepção à Execução é, no entanto, passar do prazer aos sofrimentos e ao trabalho que experimenta a mãe ao dar à luz e criar seu filho:

*Mais produire! mais accoucher! Mais élever laborieusement l'enfant, le coucher gorgé de lait tous les soirs, l'embrasser tous les matins avec le cœur inépuisé de la mère, le lécher sale, le vêtir cent fois de plus belles jaquettes qu'il déchire incessamment; mais ne pas se rebuter des convulsions de cette folle vie et en faire le chef-d'œuvre animé qui parle à tous les regards en sculpture, à toutes les intelligences en littérature, à tous les souvenirs en peinture, à tous les cœurs en musique, c'est l'Execution et ses travaux. La main doit s'avancer à tout moment, prête à tout moment à obéir à la tête. (Balzac, 1999, p.259)*

Balzac afirma a seguir que “*cette maternité cérébrale si difficile à conquérir, se perd avec une facilité prodigieuse*” (1999, p. 259) e o dom do gênio esvaece se não for sustentado pelo trabalho:

*Que les ignorants sachent! Si l'artiste ne se précipite pas dans son œuvre, comme Curtius dans le gouffre, comme un soldat dans la redoute, sans réfléchir; et si, dans ce cratère, il ne travaille pas comme le mineur enfoui sous un éboulement; s'il contemple enfin le difficultés au lieu de les vaincre une à une, à l'exemple de ces amoureux des féeries, qui, pour obtenir leurs princesses, combattent des enchantements renaissants, l'œuvre reste inachevée, elle périt au fond de l'atelier, où la production*

*devient impossible, et l'artiste assiste au suicide  
de son talent. (Balzac, 1999, p.260)*

O suicídio do talento de Steinbock decorre do fato de deixar-se influenciar primeiramente por Bette, que tenta em vão conduzi-lo à fama e ao utilitarismo artísticos e depois por Mme Marneffe, que rouba-lhe as condições éticas e a vontade dirigida que requer a execução da obra de arte. Resta a Steinbock uma “glória de salão”, glória daqueles que passam a vida a “dizer-se”, mas que se tornam “eunucos” do ponto de vista artístico:

*Il y a des gens de génie à Paris qui passent leur vie à se parler, et qui se contentent d'une espèce de gloire de salon. Steinbock, en imitant ces charmants eunuques, contractait une aversion croissante de jour en jour pour le travail. Il apercevait toutes les difficultés de l'œuvre en voulant la commencer, et le découragement qui s'ensuivait, faisait mollir chez lui la volonté. L'Inspiration, cette folie de la génération intellectuelle, s'enfuyait à tire-d'aile, à l'aspect de cet amant malade (Balzac, 1999, p.263).*

Balzac parece sugerir que os falsos gênios são aqueles que, abandonando essa espécie de “ascese”, de esforço e concentração necessários ao ato de criação, deixam-se levar por elementos estranhos à sua natureza de artista: a fama, a ambição política ou amor. Por meio de uma visão dualística que concebe a Arte como concepção e execução, Balzac, em *La Cousine*



*Bette*, aborda uma discussão que, a partir do romantismo, será objeto de reflexão de muitos artistas e críticos: o valor da vontade e do trabalho na criação artística. A presença de tal discussão dentro de um romance com características folhetinescas e o modo como Balzac sabe tirar proveito das dualidades que o leitor encontra tanto na estrutura quanto nos temas de *La Cousine Bette* demonstram mais uma vez como o romancista de gênio soube superar as imposições de gênero e criar um grande romance folhetinesco.

*Adalberto Luis Vicente*

*FCL - UNESP - Araraquara*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALZAC, H. de. **La Comédie Humaine**. v.7. Introduction de Anne-Marie Meininger. Paris: Gallimard, 1977 (Collection Bibliothèque de la Pléiade).

\_\_\_\_\_. **La Cousine Bette**. Présenté par Roger Nimier. Paris: Le Livre de Poche, 1963.

\_\_\_\_\_. **La Cousine Bette**. Préface et commentaires de Pierre-Yves Rey. Paris: Pocket, 1999.

LAUBRIET, P. **L'Intelligence de l'art chez Balzac**: d'une esthétique balzacienne. Paris: Didier, 1961.